

EXPERIÊNCIA DE TEMPO ACELERADA E NARRATIVA HISTÓRICA DE PAULA PRADO

Clayton José Ferreira¹

Resumo: De início, será abordada a possibilidade de um clima de aceleração no início do século XX brasileiro a partir da categoria de *Stimmung*, tratada por Gumbrecht. Em seguida, será apresentado o estudo de Koselleck quanto ao surgimento da experiência de tempo acelerada moderna. Ao fim, será discutida a hipótese de que tal experiência de um tempo vertiginoso é representada na narrativa do ensaio de Paulo Prado, *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*.

Palavras-chave: História Intelectual; Experiência de tempo acelerada; Paulo Prado.

Abstract: First of all, the possibility of a climate of acceleration in the early twentieth century Brazil will be approached from the category of *Stimmung*, treated by Gumbrecht. Next, Koselleck's study of the emergence of the modern accelerated-time experience will be presented. At the end, the hypothesis that such a dizzying time experience is represented in the narrative of Paulo Prado's essay, *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*.

Keywords: Intellectual History; Accelerated Time Experience; Paulo Prado.

Introdução

1. Doutorando pelo programa de pós-graduação em história da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde desenvolve o projeto de tese "Dimensões ético-políticas nas estratégias pragmáticas e estéticas em ensaios da Primeira República" com auxílio de bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: claytonjf15@hotmail.com.

Para compreendermos possibilidades acerca da importância do saber sobre o passado no início do século XX brasileiro, especialmente para grupos letrados intelectuais (polígrafos que exerciam atividades como as da história, jornalismo, literatura, sociologia, antropologia, militâncias, etc.) é importante refletir a respeito de como a experiência do tempo era vivenciada por muitos destes grupos. Isto porque o modo como o tempo era experimentado se encontra conectado com a produção de conhecimento reflexivo sobre o passado e as alternativas de ação vislumbradas.

Ao menos para Paulo Prado (1869-1943)², em seu ensaio *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928), acredito que se tratava de uma experiência do tempo acelerada, o que, entre outras possibilidades, poderia estar inserido em um *Stimmung* acelerado, portanto, compartilhado por outros dos seus contemporâneos. Quanto a noção de *Stimmung*, Gumbrecht aponta:

Para podermos ter consciência e perceber o valor dos diferentes sentidos e das nuances de sentido invocado pelo *Stimmung*, será útil pensar nos conjuntos de palavras que servem para traduzir o termo em algumas línguas. Em inglês existem *mood* e *climate*. *Mood* refere-se a uma sensação interior, um estado de espírito tão privado que não pode sequer ser circunscrito com grande precisão. *Climate* diz respeito a alguma coisa objetiva que está em volta das pessoas e sobre elas exerce uma influência física. Só em alemão a palavra se reúne, a *Stimme* e *astimmen*. A primeira significa 'voz'; a segunda, 'afinar um instrumento musical'; por extensão, *stimmen* significa também 'estar correto'. Tal como é sugerido pelo afinar de um instrumento musical, os estados de espírito e as atmosferas específicas são experimentados num *continuum*, como escalas de música. Apresentam-se a nós como nuances que desafiam nosso poder de discernimento e de descrição, bem como o poder da linguagem para as captar (GUMBRECHT, 2014, p. 9-14).

187

Segundo Marcelo Rangel, podemos compreender *Stimmung* "como uma espécie de âmbito sentimental constituído historicamente, no interior/ou a partir da experiência de um determinado 'tempo histórico', capaz de orientar de forma significativa pensamentos e ações" (RANGEL, 2014, p. 56-57). Para entender parte da sofisticada realidade histórica onde o ensaio estudado está inserido, é de grande

2. Filho de Antônio da Silva Prado e Maria Catarina da Costa Pinto e Silva e sobrinho de um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, Eduardo Prado (1860-1901), Paulo Prado (1869-1943) herdou de sua família a atividade de produtor de café e a presidência da maior empresa de exportação de café do país em sua época, a Casa Prado, Chaves & Cia. Formou-se bacharel em direito em 1899. Prado teve participação fundamental junto com sua esposa, Marinette Prado, na *Semana de Arte Moderna* de 1922, foi mecenas do grupo modernista paulista, "colaborador de importantes periódicos paulistas, como O Estado de S. Paulo, Correio da Manhã, Jornal do Comércio e Revista do Brasil, além de ter participação ativa na fundação de importantes revistas modernistas (Klaxon, Terra Roxa e outras terras e Revista Nova) e no próprio movimento da Semana de Arte Moderna. Após o encerramento da Revista Klaxon, em 1923, Paulo Prado assume a Revista do Brasil, que de 1918 a 1925 foi controlada por Monteiro Lobato. A principal mudança dessa nova direção será a utilização da Revista como veículo de divulgação do movimento modernista, em oposição ao caráter acadêmico que antes a definia" (AGUIAR, 2014, p. 20-21).

importância a perspectiva de que:

(...) um 'clima histórico' é o mesmo que um conjunto de sentimentos específico que se sedimentam e se tornam transcendentais no interior de um 'tempo histórico' determinado, podendo se reconstituir de acordo com acontecimentos históricos e experiências do tempo (RANGEL, 2014, p. 56-57).

A experiência de tempo acelerada constitui e é parte específica da composição de um *Stimmung* onde, no interior de seu ensaio, Prado parece querer reorganizar a distância histórica. Ou melhor, Prado parece buscar obscurecer, provocar algum esquecimento em relação a algumas experiências passadas consideradas contraproducentes e intensificar outras para tentar potencializar o presente em suas perspectivas de ação cotidiana. Indo ao encontro do argumento de Gaio acerca do retrato de uma tristeza realizado por Prado, compreende-se que:

(...) a pintura de um quadro negativo do Brasil – que expõe, sobretudo, os vícios e o desregramento da formação nacional, que aponta para os malefícios da luxúria, da cobiça, do romantismo e conseqüentemente de uma melancolia brasileira –, não deve ser compreendida como mera manifestação de um suposto ceticismo, posto que a visão crítica do passado definiu-se como passo indispensável rumo à superação (GAIO, 2008, p. 13).

188

Em síntese, o livro de Prado pode ser compreendido como um esforço hermenêutico através de representações históricas, muitas delas fundamentadas em documentação e método, e um empenho de sensibilização do leitor a partir de elementos estéticos. Esta pragmática procura reordenar possibilidades de relacionamento com experiências passadas. Dito isto, podemos entender que:

O Retrato do Brasil é um ensaio que traduz um esforço de crítica das formas culturais que o Brasil teria herdado da experiência colonial, e uma reflexão sobre as possibilidades de superação dessa herança, vista como um entrave à modernidade, ao progresso moral e ao aperfeiçoamento político do país (DUTRA, 2000, p. 233).

A partir de sua narrativa, caracterizada por pragmáticas lógico-formais e estéticas e uma preocupação ético-política, Prado aponta para experiências passadas tentando reconstituir outras potencialidades para a própria experiência do tempo, tentando rearranjar seus sentidos e as aptidões sentimentais, buscando mediar e instigar ações em seus leitores. Como aponta Gaio, "até mesmo as questões estéticas apresentam-se sempre subordinadas, em Paulo Prado, ao sentimento nacionalista, a um ideal de modernização, ao âmbito da ação em defesa de uma máquina pública eficiente e capaz de estimular o progresso do país" (GAIO, 2008, p. 12).

É importante dizer que com ético-político, me refiro as reflexões a respeito do comportamento social e individual voltado para a ação cotidiana através de um *ethos*,

construído sempre historicamente, portanto, a partir de elementos socioculturais, espaciais e temporais. Dados os limites históricos e individuais, especialmente no que tange a muitos argumentos elitistas, etnocêntricos, preconceituosos (para o seu próprio tempo) e autocentrados de Prado, quando me refiro a suas perspectivas éticas, não quero qualificar suas reflexões como ponderadas, corretas, justas, como se partilhassem de um conjunto de valoração que pode ser entendido como apropriado para integridade de todo e qualquer sujeito, independentemente de sua identidade. O que indico como preocupação ética aqui diz respeito especificamente às reflexões de Prado em seu ensaio, ao sistema de valores produzidos por este autor acerca das possibilidades de ação dos indivíduos voltadas para uma vida social considerada pelo ensaísta como mais oportuna, a qual infelizmente é, muitas das vezes, excludente e conservadora.

Também, não quero de modo algum concluir que esta experiência de tempo acelerada era a única possível de ser vivenciada nas três primeiras décadas do século XX brasileiro: havia muitas outras, coexistindo. O que destaco aqui é a expressividade da experiência de tempo acelerada experimentada no período, a qual pode ser assinalada a partir de muitos ensaios e periódicos. Dito isto, tentaremos nos distanciar de pressupostos ou tópicos cristalizadas em parte da historiografia sobre a Primeira República brasileira que a tipificam imediatamente como atrasada, “cujos intelectuais seriam incapazes de pensar por si próprios, sendo meros repetidores, ‘importadores de ideias’” e onde “o modernismo, com o marco de 1922, seria o momento em que esse mal teria sido ou resolvido ou enfrentado.” (AVELAR, A; FARIA, D; PEREIRA, M., 2012, p. 20). Como salienta Avelar, Faria e Pereira:

Ideia de atraso que pressupõe a existência de um único tempo universal e homogêneo, uma escala evolutiva determinada – pois somente assim, alguém poderia dizer que um país ou uma nação estaria “à frente” de outro. Pressupõe, ainda, uma imagem idealizada desses países que encarnariam a civilização no que ela teria de mais avançado. E, por fim, do ponto de vista metodológico, aposta que as ideias estão ou deveriam estar confinadas a contextos territoriais nacionais, indo de encontro a tudo o que se diz atualmente sobre circulação e interação de discursos e tomando, como dado apriorístico, o recorte do Estado-Nação como realidade histórica fundamental (AVELAR, A; FARIA, D; PEREIRA, M., 2012, p. 21-22).

Em uma realidade complexa onde é produzido o discurso para o desenvolvimento social e técnico ao mesmo tempo em que se critica a linearidade disto que seria o progresso, o tempo não pode ser entendido como uma sequência ininterrupta e unidirecional. Como Prado, parte destes letrados entendem o tempo de forma processual, multidirecional, onde estas possibilidades se encontravam simultaneamente a perspectivas também lineares e até mesmo “circulares” e outras mais. Mesmo quando encontramos o discurso do atraso nestes ensaios e periódicos, é preciso examiná-los

a partir da complexidade de sua historicidade e se manter atento a interpretações engessadas produzidas posteriormente³.

É necessário indicar que querer tratar de forma crítica e não linear o progresso, sustentando o argumento da modernização, não significa, necessariamente, querer intensificar a experiência de tempo acelerada. No texto de Prado, entende-se que o aumento da sensação de velocidade constante poderia produzir, ao mesmo tempo, um clima de instabilidade. Seria necessário especular acerca de um ritmo adequado. Para isso, em seu ensaio, o autor aqui estudado interpreta e indica experiências passadas as quais se relacionam negativamente com o presente, produzindo críticas ao “peso” impertinente de determinados passados. Ao mesmo tempo, se esforça por desobscurecer outras perspectivas históricas que estimulassem de forma positiva o presente. Prado ocupou um espaço intelectual interessante, tendo sido editor da Revista do Brasil após o final da direção de Monteiro Lobato, se colocado próximo às ideias de Capistrano de Abreu (seu amigo pessoal), além de mecenas do movimento modernista, e mais ainda, da semana de arte moderna 1922.

Paulo Prado mostra-se um importante mediador entre universos aparentemente díspares – tais como o de Capistrano de Abreu e o dos modernistas paulistas; o da geração de 1870 e o da de 1922; o de Graça Aranha e o do grupo que se formava em torno da Semana de Arte Moderna, e mesmo entre as várias vertentes desse grupo em formação – e é exatamente nessa sua posição no “meio”, entre grupos, tradições e gerações, que talvez resida o seu interesse. Temos aqui uma aproximação entre personagens e círculos à primeira vista antagônicos e opostos, como aqueles que integravam o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) – fundado em 1894 – e os jovens intelectuais e artistas ligados à Semana de Arte Moderna de 1922 – como Oswald de Andrade (1890-1954), que é prefaciado por Prado em sua *Poesia Pau Brasil* (1925), além de lhe dedicar *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924); e Mário de Andrade (1893-1945), que irá escrever *Macunaíma* (1928) a partir da leitura de *Retrato do Brasil*, de Prado” (WALDMAN, 2013, p. 212).

190

Temporalmente, suas perspectivas reflexivas, como atesta Palti acerca da intelectualidade Latina Americana, não se encontram “fora de lugar” ou “atrasadas” em relação a outras comunidades intelectuais, como se houvesse um centro de produção de saberes (Europeia, Estadunidense). O que se encontra na obra da maioria destes autores são constituições complexas, sofisticadas, específicas, produzidas em espaços

3. Muitas interpretações *a posteriori* acerca da escrita da história na Primeira República, assim como de outras atividades intelectuais, se constituem teleológico e anacronicamente, compreendendo este momento como um espaço no qual se produziu um saber inferior, simplista, incompleto e contraditório, por exemplo, por se situar anterior à especialização e profissionalização aos moldes institucionais universitários (das graduações e bem mais à frente, das pós-graduações) e pela escolha do ensaio como gênero de escrita e, ainda, pelo esforço de síntese. Infelizmente, estas perspectivas acabam por, muitas vezes, reduzir e soterrar a sofisticação histórica dos trabalhos escritos antes do estabelecimento contundente dos sistemas universitários como se anteriormente não houvesse preocupação metodológica, científica, teórica, erudita e mesmo institucional (é preciso lembrar da importância do IHGB e de outros institutos durante a Primeira República) a respeito da constituição e produção de saberes no Brasil.

outros, considerando as distinções da multiplicidade do que chamamos Brasil e mesmo do que convenientemente tratamos como América Latina (PALTÍ, 2014, p. 40-42). E como Avelar, Faria e Pereira indicam, o território ou a perspectiva da nacionalidade não aprisiona as ideias em suas fronteiras, elas se relacionam constantemente entre os mais diferentes espaços e ambientes (AVELAR, A; FARIA, D; PEREIRA, M., 2012, p. 22). As ideias estão, assim como argumentou Pocock, em constante circulação em meio a lugares diversos, incorporando, produzindo, ressignificando, transformando e intensificando as mais diferentes perspectivas (POCOCK, 2003).

Tendo estas noções em nosso horizonte, imprescindíveis para nos mantermos atentos à complexidade do nosso objeto, é necessário que seja tematizado o surgimento da possibilidade de uma experiência de tempo acelerada na modernidade antes de abordarmos como ela é tratada no ensaio de Prado. Faremos isso a partir do trabalho atendo acerca das perspectivas modernas retratadas por Koselleck.

Experiência de tempo acelerada na modernidade

Entre variadas alternativas para representar seu argumento, Koselleck escolhe uma situação a qual a estética se torna central para a caracterização da modernidade. O quadro representando a batalha de Alexandre, o Grande, contra os persas, de autoria de Albrecht Altdorfer (1480-1538). Nele, o pintor lançou mão de um anacronismo que tornava a batalha atemporal, como se não houvesse diferença entre a sociedade que queria representar e aquela na qual seu pintor e aquele que a encomendou, Guilherme VI (1493-1550), se encontravam (século XVI, na Baviera). Não existia ali um esforço incisivo em eliminar uma diferença temporal, simplesmente não se compreendia haver uma dessemelhança.

No interior daquela historicidade onde a pintura foi concebida, a vitória de Alexandre era parte de uma compreensão cristã da passagem do segundo para o terceiro Império terreno, onde este seria o penúltimo império, o terceiro dentre os quatro que existiriam antes do fim dos tempos (apocalipse) segundo a escatologia cristã. A vitória de Alexandre era entendida então como a vitória da luz contra as trevas, onde o elemento atemporal seria justamente esta batalha metafísica de caráter maniqueísta, ou melhor, a batalha entre o bem e o mal transcenderia o tempo e o espaço e mesmo a realidade material humana. Quase trezentos anos depois, Schlegel, ao observar elogiosamente a pintura, concebeu uma distância temporal entre a batalha a qual era retratada no quadro e o seu próprio presente (KOSELLECK, 2006, p. 21-23). Isto quer dizer que para Schlegel, e muitos dos seus contemporâneos, era experimentada uma

transformação com o passar do tempo, e não uma percepção de atemporalidade onde se inseria toda experiência como a mesma no interior da compreensão cristã.

Algo aconteceu nos trezentos anos que separam Altdorfer e Schlegel, especialmente no que diz respeito ao surgimento de certa temporalização característica e própria à modernidade, segundo Koselleck. A experiência de tempo para Altdorfer era experimentada de forma circular, onde situações passadas se repetiam constantemente (como por exemplo, a constituição e queda de Impérios) até que acontecesse – como era esperado - o Juízo Final, o fim de toda história. Schlegel, por sua vez, vivenciava a passagem do tempo como algo que se transformava e diferenciava constantemente em relação ao passado, indo rumo a um presente cada vez mais singular em relação ao “espaço de experiência”. No entanto, ainda assim não desaparece a possibilidade de repetição de situações para a historicidade de Schlegel (como o início e fim de regimes políticos). O tempo desenrolava-se de forma diferente para cada um deles, deste modo, o tempo histórico adquiriu, nestes trezentos anos, outra qualidade: “(...) observa-se, nesses séculos, uma temporalização da história, em cujo o fim se encontra uma forma peculiar de aceleração que caracteriza a nossa modernidade” (KOSELLECK, 2006, p. 23).

192

Até o século XVI a história da cristandade é a história da expectativa do fim dos tempos (e da leitura dos sinais apocalípticos) e dos repetidos adiamentos deste fim. Para Lutero (1483-1546), a aceleração (ou abreviação) do tempo era um sinal divino de que os acontecimentos humanos estavam sendo comprimidos para que o juízo final ocorresse logo. Muito tempo depois, Robespierre (1758-1794) entende a aceleração como uma tarefa do homem para a aproximação de um futuro humano, terreno, de liberdade e alegria (KOSELLECK, 2006, p. 25). O progresso se torna uma metanarrativa, um *télos*, uma filosofia da história, atribuindo à história uma diferença qualitativa entre seu passado e o futuro: “Foi só com o advento da filosofia da história que uma incipiente modernidade desligou-se de seu próprio passado, inaugurando, por meio de um futuro inédito, também a nossa modernidade” – combinação entre política e profecia salvacionista, esta última um aspecto o qual se relacionava com a mentalidade cristã anterior (KOSELLECK, 2006, p. 35).

NoséculoXVIIIa aceleração dotempo torna-se parte de uma tarefa de planejamento do futuro. Com isso, é quase como se o presente não pudesse ser experimentado, pois sempre há o desejo de acelerar para chegar ao futuro, que é entendido como melhor que qualquer passado e, ainda, caracterizado pelo desconhecido, por aquilo que será diferente das experiências conhecidas até então. As categorias de “Reação”, até então “(...) empregada como uma categoria mecanicista”, e “Revolução”, entendida como o movimento de rotação dos astros, tornam-se categorias com novos significados: a

reação passa a ser assimilada como aquela que quer deter isto que seria a “revolução”, já a revolução é compreendida como aquilo que rompe algo em favor do futuro, que é necessariamente melhor (KOSELLECK, 2006, p. 37). É importante notar que, no decurso das experiências históricas, também é admitida a existência de diferentes velocidades de transformação, coexistindo simultaneamente em espacialidades diversas ou no percurso entendido como linear dos processos históricos que se conectam. Estas variações semânticas acerca das experiências experimentadas são reproduzidas na linguagem cotidiana (língua escrita, falada, corporal, das estéticas diversas nas artes, etc.).

Há acelerações e desacelerações com distintos tempos que se agrupam e que podem provocar fricções e inclusive fraturas entre os estratos temporais dos acontecimentos concretos, por um lado, e das estruturas repetitivas, por outro. Com isto, também podem aparecer fricções no uso da linguagem, em enunciados, em textos, em discursos e em seus significados (KOSELLECK, 2012, p. 31).⁴

Três aspectos específicos são consolidados na experiência moderna, segundo Koselleck. O primeiro é a irreversibilidade dos eventos, “o antes e o depois em suas diferentes circunstâncias de desenvolvimento”. O segundo seria a possibilidade de os sujeitos indicarem uma suposta identidade similar entre dois momentos históricos (semelhança entre grupo de fatos, relação “tipológica e/ou figurativa”, comparação, alguma sensação de repetição dos eventos). O terceiro é a percepção de “simultaneidade da não simultaneidade”, a sensação de que, no devir do tempo da natureza, há transcurtos históricos que decorrem de forma simultânea, onde estes se diferenciam entre si, como episódios, e ainda, uns duram por mais ou por menos períodos de tempo, e uns são mais acelerados que outros. Os movimentos da história se dão a partir destas três perspectivas que caracterizam a percepção dos sujeitos acerca da passagem do tempo (KOSELLECK, 2006, p. 121-122).⁵

193

Conceitualmente, da combinação destes três critérios podem-se depreender as noções de progresso, decadência, aceleração ou retardamento, as noções adverbiais como ‘ainda não’ e ‘não mais’, o ‘mais cedo que’ ou ‘depois de’, o ‘cedo demais’ ou ‘tarde

4. “Hayaceleraciones y ralentizaciones con distintos tiempos que si agolpan y que pueden provocar fricciones e incluso fracturas entre los estratos temporales de los acontecimientos concretos, por un lado, y de las estructuras repetitivas, por otro. Conello, también pueden aparecer fricciones en el uso del lenguaje, en enunciados, en textos, en discursos y en sus significados.” Tradução nossa.

5. A respeito da simultaneidade da não simultaneidade, Koselleck escreve: “Dada uma mesma cronologia do tempo natural, pode-se falar de diferentes níveis de transcurtos históricos. Nessa fissura temporal podem estar contidas diferentes camadas de tempo, as quais, dependendo do agente histórico ou das situações investigadas, são dotadas de diferentes períodos de duração e poderiam ser medidas umas em relação às outras. Da mesma forma, o conceito de simultaneidade da não simultaneidade, contém diferentes extensões temporais, que aludem à estrutura prognóstica do tempo histórico, pois cada prognóstico antecipa acontecimentos que já se encontram dispostos no presente, mas ainda não se realizaram”.

demais', a situação e a duração, a cujas determinações distintivas devemos recorrer de modo a tornar visíveis movimentos históricos concretos (KOSELLECK, 2006, p. 122).

Como em toda experiência humana, onde há a formatação das mais diversas estruturas das linguagens, o esforço semântico produz categorias e conceitos para se relacionar e expressar no interior destas novas perspectivas. Isto nos permite apreender parte destas noções no interior de determinados enunciados e textos.

Dito de outro modo: como se articula a relação temporal entre conceitos e estados de coisas? Sem dúvida, a chave da história conceitual reside neste ponto. Já que o que pode e deve ser concebido está além dos conceitos. Toda semântica faz referência a algo que se encontra mais além dela mesma, embora nenhum campo de objetos pode conceber-se e experimentar-se sem a contribuição semântica da linguagem (KOSELLECK, 2012, p. 31).⁶

A perspectiva de que o tempo pode discorrer em diferentes ritmos, mais acelerados ou menos, surge apoiado na sensação de que os percursos históricos ocorrem através de transformações. Esta diferenciação na modernidade ocorreria através de uma metanarrativa que compreende o futuro como melhor que o passado, ou seja, que o transcender da história se encontra no rumo de um progresso técnico humano – sendo discutível para quem ou qual grupo social estava destinado este progresso. Ainda, as linguagens no interior das características de cada sociedade e cultura se articulam com as experiências históricas, de modo a sedimentar muitas das variabilidades semânticas em uma historicidade.

Baseado nestas considerações, o próximo passo deste texto será observar as especificidades da experiência de tempo em um momento muito específico da experiência moderna no início do século XX, daquilo que alguns compreendem como “Alta Modernidade” (GUMBRECHT, 1998, p. 21). Seria esta, uma situação de variações e modificações de algumas das prerrogativas modernas em cada uma das suas especificidades espaciais, processo histórico o qual se encontra o ensaio *Retrato do Brasil de Prado*.

Experiência de tempo acelerada no Retrato do Brasil

A partir desta possibilidade, entre linguagem e estados de coisas, é que podemos refletir a respeito das manifestações semânticas apresentadas no texto do

6. “Dicho de otro modo: ¿cómo se articula la relación temporal entre conceptos y estados de cosas? Sin duda, la clave de la historia conceptual radica en este punto. Ya que lo que puede y lo que debe concebirse se encuentra más allá de sí misma, aun que ningún campo de objetos puede concebirse y experimentarse in la aportación semántica de llenguaje.” Tradução nossa.

ensaio de Paulo Prado. Torna-se significativa a demonstração de uma percepção de experiência de tempo acelerada em seu texto, assim como a relação desta forma de vivenciar o tempo com aquela descrita por Koselleck nos processos de constituição da modernidade.

No trecho a seguir, Prado compreende o seu presente como um imperativo, um agente, ao mencionar o “Hoje” com letra maiúscula. Este sujeito, que é o “Hoje”, o presente de Prado, composto pelos indivíduos em suas tramas, se coloca em constante transformação pela ação da experiência acelerada do tempo, mas, ao mesmo tempo, pode produzir a manutenção de perspectivas sociais já assentadas ao se colocar impassível em relação a elas. Esta apatia que não confronta situações historicamente constituídas, que são entendidas por Prado como negativas, também é tratada como uma forma de ação.

Fixemos o olhar por um instante na realidade visível, palpável e viva desse Hoje que surge, se transforma e desaparece num relance, como na corrida de um automóvel a paisagem que passa. Damos ao mundo o espetáculo de um povo habitando um território – que a lenda mais que a verdade – considera imenso torrão de inigualáveis riquezas, e não sabendo explorar e aproveitar seu quinhão. Dos agrupamentos humanos em mediana importância, o nosso país é talvez o mais atrasado. O Brasil, de fato, não progride; vive e cresce, como cresce e vive uma criança doente no lento desenvolvimento de um corpo mal organizado. (...) O sertão todo, o grande sonho dos pioneiros, segregado na sua longínqua independência, é a mesma terra que palmilharam Spix e Marius, Saint-Hilaire, Neuwied, Mawe e tantos outros. Como no tempo dos “valentões” de que falava Southey, o cangaço domina o âmago do país: é uma tradição do mandonismo (PRADO, 1928, p. 200-201).

195

Nesta citação encontramos sua escrita ordenada a partir de um método ou caminho orientando pelo que podemos chamar de uma lógica do sentido e, também, por um encaminhamento (ou estratégia) mais estético, ambos determinados por um interesse pragmático ou ético-político. A lógica do sentido, próximo às concepções de Gumbrecht, se constitui de uma relação francamente interpretativa com o mundo, a qual separa o sujeito do objeto através da racionalização (como se não houvesse corpo, apenas consciência), tornando possível uma reorganização ou posicionamento do mundo através do par razão/vontade. Nesta análise, o esforço estético em *Retrato do Brasil* parte do paradigma da presença, assinalado por Gumbrecht como aquele que cria a oportunidade de tangibilidade dos objetos com o corpo, das experiências sensoriais e afetivas; onde o próprio corpo não se distingue ontologicamente das coisas e o impulso para a transformação é substituído por uma vontade de se inscrever em uma dada cosmologia (GUMBRECHT, 2009, p. 13).

Para Berriel, Prado aproxima “os recursos sistemáticos advindos da liberdade do artista” no interior do impressionismo como um método histórico, o qual ele acredita que acaba por transmutar a representação histórica em uma “arbitrariedade de historiador”

(BERRIEL, 1994, p. 162). O autor de *Tietê, Tejo, Sena*, parece analisar o ensaio de Prado com base em certa expectativa teórico/metodológica que compreende a dualidade objetividade/subjetividade como, de certo modo, opostas. Em seu argumento, a objetividade estaria associada (anacronicamente) a uma perspectiva científica da historiografia, enquanto os aspectos estéticos/subjetivos, apenas a personalidades, o que Berriel entende como característico do gênero ensaístico. Para ele, a oposição entre ensaio e ciência seria outro aspecto que afastaria Prado da produção de uma narrativa histórica mais precisa, algo que, para Berriel, estaria atestado no livro de Prado quando este critica a “ciência conjectural a alemã” inscritas nos princípios de Martius para a escrita da história (PRADO, 1928, p.103). Independente dos aspectos precisos ou não acerca da narrativa histórica de Prado é preciso mais uma vez apontar para as possibilidades importantes acerca das experiências sensoriais e afetivas no interior do paradigma da presença para a ‘presentificação’ do passado na linguagem utilizada em *Retrato do Brasil*.

Tematizando problemas éticos e políticos, Prado apresenta tanto pragmáticas do sentido como da presença. Deste modo, há a produção de argumentos concatenados, racionalmente dispostos ao mencionar o pouco ou nenhum comparecimento do Estado em espaços distantes do centro, dando margem ao fortalecimento de poderes locais. Abordando escritores viajantes os quais relataram tal situação, aqui, Prado apresenta argumentos de autoridade, relacionados as perspectivas do sentido. Em outro momento, a experiência de tempo acelerada, como algo que “surge, se transforma e desaparece num relance” se encontra como algo que afeta corpos, que pode ser experimentado.

A *Stimmung* de um tempo acelerado se mostra, nesse trecho, a partir da metáfora a respeito do automóvel, da paisagem e da sua materialidade, apontando ou requerendo elementos daquilo que é sensorial, que pertence ao paradigma da presença. Da mesma forma, as características da presença se encontram no momento onde menciona a realidade de seu “Hoje” como algo “visível” e “palpável” para o corpo, uma metáfora de um presente (um “Hoje” “vivo”, quase corporificado por ser apresentado como algo que pode ser visto e, ainda, ser tangível. O mesmo ocorre através da sua alegoria acerca de um organismo infantil que “vive” e “cresce” “doente”, que possui um “corpo mal organizado”.

O atraso mencionado por Prado não aparece aqui como uma lentidão de movimento. O que se apresenta é a dificuldade imensa em produzir estabilidade (social, econômica, institucional) em meio as transformações intensas e cada vez mais velozes, a dificuldade em alicerçar outras possibilidades no “Hoje que surge, se transforma e desaparece num relance”. Em seu esforço de compreensão histórica, ao mesmo tempo em que o autor aponta o engessamento de um hábito do descaso administrativo e

uma cultura afetiva a qual culminou na tristeza, descreve as transformações constantes no início da modernidade e em sua própria contemporaneidade. Assim, caminha indicando uma ideia de velocidade que produz vertigem, que dificulta a reestruturação daquele espaço social devido a um presente curto, que rapidamente se esvai.

O tempo é entendido como algo que se transforma, mas não necessariamente na direção do progresso, a não ser que haja uma mobilização ética, política e estético-afetiva que restitua determinados passados e reintegre os indivíduos. Para o ensaísta, o elemento religioso na colonização do que hoje é os Estados Unidos da América, acabou por mediar de forma adequada os impulsos modernos individualistas, sem destruí-los ou reprimi-los intensamente, produzindo uma sociabilidade mais ordenada. Para ele, as exacerbações egoístas dos indivíduos europeus que colonizaram o Brasil, marcadas pela luxúria e a cobiça, impediram que tal integração ocorresse de modo apropriado. O autor de *Retrato do Brasil* entende que o “objetivo desses aventureiros não era a formação de um país, mas somente amealhar riqueza fácil para gozá-la na corte portuguesa” já que “o colonizador, para Paulo Prado, era portador de graves defeitos, como individualistas e devasso (ANDRADE, 2008, p. 44). Neste sentido,

Prado possui um *pathos* durkheimiano de desejo de solidariedade moral. A superioridade dos EUA sobre nós residiria na fortaleza ética da religião puritana de seus fundadores. Nossa história apenas nos legou tristeza, melancolia e desesperança. (GIL, 1994, p. 214).

197

Há, aqui, certa desconfiança em relação às metanarrativas modernas, a linearidade do progresso. É indispensável notar que, em *Retrato do Brasil*, o tempo não produz somente diferença entre passado e futuro. As experiências passadas marcam o presente e os homens se relacionam com seus antepassados, tanto no decurso de interpretações fragmentadas, memórias, narrativas, etc. como por meio da presença deste passado no cotidiano, através de sua materialidade, de relações sensoriais e afetivas.

A citação a seguir é determinada por um “clima” de instabilidade. Ao mesmo tempo que o trecho aponta continuidades com o passado consideradas negativas (como o militarismo), apresenta a ideia de desordem política por meio de transformações rápidas, precipitadas, onde a sucessão política de décadas aparenta ser algo que se desenrola em instantes. Com isso, a sensação de aceleração compreende que é possível sedimentar formas habituais de se relacionar com os sujeitos e objetos, ou ainda, a aceleração não destrói e transforma todas as formas tradicionais de se agir que se constituem historicamente.

A questão militar, mal de nascença de que nunca se curou o país, a desorganização dos

partidos, as falhas da administração, o romantismo da abolição, a desordem geral dos espíritos – fizeram a República, nesse 15 de novembro que foi a *journeé desdupes* de nossa história. E é o que aí está. O profundo abalo da mudança de forma de governo, a inevitável transmutação de valores sociais e políticos, deram a princípio uma aparência de vitalidade ao organismo nacional. Mas não estava longe o atoleiro em que hoje chafurdamos. Quarenta anos de experiências malsucedidas nos trouxeram à situação atual. Os homens de governo sucederam-se ao acaso, sem nenhum motivo imperioso para a indicação de seus nomes, exceto o das conveniências e cambalachos da politicagem (PRADO, 1928, p. 210-211).⁷

Para o autor, nas experiências passadas no território do que hoje é o Brasil, houve pouco equilíbrio entre os elementos que compõe a sociabilidade. Ou seja, não houve a estruturação de um maior desenvolvimento social a partir de componentes que produzissem relações comunitárias entre os sujeitos, o que, na sua visão, evitaria tendências egoístas voltadas para a cobiça e a luxúria. Isso ocorreu devido a falta de balanceamento entre a administração estatal, a cultura religiosa, o direito natural dos indivíduos a partir de sentimentos/ações modernas que estabilizassem a sociedade para que ela não tendesse tanto ao extremo do egocentrismo, como da tirania governamental⁸. Ou ainda, era preciso produzir uma tensão moderada entre as instituições e a tendência autocentrada, que é compreendida por Prado como uma característica do sujeito moderno, para que se realizem “estimulantes afetivos de ordem moral e os de atividade mental”, o que viabilizaria um funcionamento social mais orgânico (PRADO, 1928, 62-64).

198

Sugerimos nestas páginas o vínculo secular que deixaram na psique nacional os desmandos da luxúria e da cobiça, e em seguida, na sociedade já constituída, os devaneios do mal romântico. Esses influxos desenvolveram-se no desenfreamento do mais anárquico e desordenado individualismo, desde a vida isolada e livre do colono que aqui aportava, até as lamúrias egoístas dos poetas enamorados e infelizes. Como reagentes nos faltaram, na nossa crise de assimilação, o elemento religioso, a resistência puritana da nova Inglaterra, a hierarquia social dos velhos pioneiros americanos, o instinto de colaboração coletiva. *Ubi bene, ibi pátria*, diz nosso profundo indiferentismo, feito de preguiça física, de faquirismo, de submissão resignada diante da fatalidade das coisas (PRADO, 1928, p. 196).⁹

Nesta passagem que se refere ao início da modernidade, percebemos como Prado descreve ao começo da colonização como caracterizada por processos velozes. Este ritmo apressado estaria presente na busca frenética de alguns sujeitos por liberdade frente ao aprisionamento proporcionado pelas instituições sociais e do Estado. Seria este um cenário de individualismo “desenfreado” que intensifica tal rapidez. Em sua

7. A expressão *journeé desdupes* (dia dos logrados) se refere à tentativa frustrada da oposição em despojar o Cardeal de Richelieu de seu cargo como primeiro ministro da França em 1630.

8. Com isto não quero dizer que são atitudes/ações as quais caracterizam unicamente a experiência moderna, mas que elas possuem peculiaridades e importância central na formatação moderna para Prado.

9. *Ubi bene, ibi pátria* significa algo como “onde se vive bem, aí está a pátria”.

assimilação, uma sociedade a qual as instituições se colocam de forma exageradamente rígida, se torna oprimida por uma tirania e, a falta de um direcionamento sadio às perspectivas individualizantes da modernidade também podem, por sua vez, levar à insociabilidade, à falta de organização ou coletividade. Para o ensaísta, este último caso seria o do Brasil, um vasto território onde o europeu do início da modernidade vivenciou intensamente a vontade de realizar sua liberdade e individualismo frente às instituições sociais e estatais, sujeitando indígenas e negros à escravidão e outras violências (PRADO, 1928, p. 189-190).¹⁰

A diversidade de indivíduos que se estabeleciam no território das Américas, já povoado por etnias indígenas, era composta por muitos tipos de europeus, inclusive criminosos. Estes se habituavam rapidamente ao novo ambiente devido as técnicas aprendidas através dos membros das mais variadas etnias. Mais uma vez, a descrição apresentada por Prado acerca da adaptação ligeira salienta a presença da aceleração na construção de sua narrativa histórica. Isto não é exibido em seu texto somente como elemento e marca de sua própria historicidade (o “Hoje” que Prado se refere), mas em sua interpretação da aceleração como característica também do início da modernidade, assim como apontou Koselleck. A exposição do processo de fuga das instituições europeias morosas para a busca por aventura ou colonização nas américas, aparece no texto como algo que está em um movimento intenso. Neste espaço “novo”, sujeitos se ajustam e se acomodam agilmente a partir desta aflição que é a de se livrar das amarras sociais de seu espaço de origem.

199

Aí vinham esgotar a exuberância da mocidade e força e satisfazer os apetites de homens a quem já incomodava e repelia a organização da sociedade europeia. Foi deles o Novo-Mundo. Corsários, flibusteiros, caçulas das antigas famílias nobres, jogadores arruinados, padres revoltados ou remissos, pobres diabos que mais tarde Callot desenhou, vagabundos dos portos do Mediterrâneo, anarquistas, em suma, na expressão moderna, e insubmissos às peias sociais, - toda a espuma turva das velhas civilizações, foi deles o Novo-Mundo, nesse alvorecer. Franceses no Canada, holandeses em Nova York, ingleses na Carolina, Virginia e Maryland, castelhanos nas Antilhas, Nova Espanha, América Central e Pacífico, portugueses e ainda espanhóis, franceses

10. Apesar de conceber certa centralidade ao elemento branco, Prado indica em seu “*Post-scriptum*” e em vários outros momentos do seu ensaio o que ele considera ser a contribuição das comunidades indígenas e negras para a formação do Brasil. O autor questiona certas perspectivas racialistas (apesar de se aproximar de algumas delas) e se apoia nos elementos culturais ao entender que em condições menos opressoras, as comunidades indígenas e negras possuem grandes potencialidades – o problema para o desenvolvimento humano no Brasil se encontraria no descaso social e estatal. No entanto, é importante mencionar que, infelizmente, certos apontamentos do autor vão ao encontro do silenciamento das resistências de negros e indígenas frente às violências imputadas a eles a partir da ideia de que houve uma menor segregação entre estes indivíduos em território brasileiro do que nos EUA, o que parece querer apontar para características do que foi sendo configurado hoje como o mito da “democracia racial”. Também é importante lembrar que, no interior desta historicidade, há muitas perspectivas que não soam preconceituosas somente para nossa contemporaneidade, mas para muitos intelectuais das mídias da época, chamados hoje de Imprensa Negra.

e flamengos no Brasil, todo o continente se povoou desses adventícios violentos e desabusados. Rapidamente, pelo cruzamento ou pela adaptação se transformavam em “vaqueanos” e “rastreadores” da América espanhola, em *coureurs de bois* dos desertos do norte, no tapejara e no mameluco bandeirante da colônia portuguesa (PRADO, 1928, p. 24).

Novamente, sua estratégia estética presentifica corpos de homens que vinham aventurar-se no novo mundo ao mencionar a “exuberância da mocidade”, a “força” da vitalidade física, insinuando a ideia da luxúria, título do capítulo em que se encontra este trecho, especialmente quando trata da vontade de “satisfazer os apetites”. Também manifesta certo investimento no paradigma do sentido (argumento lógico-formal) ao, ironicamente, indicar o caráter questionável de muitos europeus que se estabeleciam nas Américas e sua acelerada aclimatação ao novo espaço.

Percebe-se que descrição de Prado acerca das experiências que teriam constituído o início da modernidade se encontra marcada pela ideia da velocidade. Este elemento está presente tanto nas transformações técnicas que permitiram os processos de navegação, colonização e adaptação (a partir também do conhecimento das etnias que ocupavam este território) dos europeus ao novo espaço, quanto nas transformações culturais, sociais e afetivas. Da mesma forma, o presente de Prado, a sua historicidade própria, é apresentada em sua narrativa como um tempo acelerado, frenético, em constante movimento de transformação. A experiência de tempo acelerada, em seu ensaio, acaba por fazer parte tanto de processos que corroem ou transformam parte de estruturas historicamente constituídas (como no caso das instituições sociais e estatais europeias pré-modernas) quanto no estabelecimento de novas perspectivas sociais, culturais e afetivas, como é o caso da cultura individualista moderna. Para ele, um equilíbrio ou moderação entre ímpetos individuais e instituições sociais e estatais pode permitir um ritmo adequado para a consolidação de uma sociabilidade, uma adaptação à experiência de tempo acelerada.

Considerações finais

No interior do ensaio Retrato do Brasil, desenvolve-se a tese de que a falta de equilíbrio entre instituições e os sentimentos/ações caracterizados pelo individualismo e liberdade levaram a sociedade colonial à luxúria e à cobiça. De forte matriz freudiana, esta compreensão se fundamenta na ideia de que, ao não controlar e direcionar¹¹ adequadamente os fortes impulsos individuais (especialmente os sexuais) para objetivos considerados socialmente importantes e edificantes, debilita-se a capacidade

11. Trata-se do conceito de sublimação de Sigmund Freud.

de funcionamento orgânico da coletividade. Para Prado, a incapacidade de saciar os impulsos egoístas da cobiça e da luxúria inviabilizaria a necessidade natural de realização social dos sujeitos. Com esta carência, teria sido produzida uma cultura afetiva de tristeza que se salientou a partir do movimento intelectual e estético do romantismo. De forma equivocada e reducionista acerca dos românticos, segundo Gil, Prado insistia que:

Suas reflexões eram compostas mais de palavras bonitas e complicadas do que de aprofundados questionamentos sobre nossa realidade. Nesse ambiente de “sensualidade e ignorância” gerou-se um liberalismo verboso e sonoro”. Esse romantismo intelectual era composto de ilusões poéticas, um mau-gosto estilístico e uma exaltação da palavra em oposição à realidade. Um palavreado obscuro e rebuscado, sem ligação com os reais problemas do Brasil, seria característico de nosso republicanismo bacharelesco” (GIL, 1994, p. 213).

O ensaísta interpreta que a cultura romântica no Brasil foi direcionada para o culto ao hedonismo e as fatalidades da vida humana (como a morte), o que reforçou as disposições egocêntricas historicamente constituídas. Esta cultura afetiva teria gerado certa apatia, egoísmo e indolência, o que dificultaria a produção e cumprimento de projetos de desenvolvimento social e técnico.

Diante disto, o regime republicano, entendido como parte das transformações frenéticas características de seu tempo, não teria sido suficiente para modificar esta cultura sentimental sedimentada a partir de parte das experiências do passado. Assim como no regime monárquico, a República passou a ser composta, em sua grande parte, por indivíduos egoístas os quais reproduziriam uma situação de desdém e abandono em relação aos agrupamentos mais afastados dos centros urbanos, criando, assim, oportunidades para mandonismos locais. Neste sentido, Prado entende que a maior parte dos problemas do Brasil estaria relacionada à sua formação histórica, e não por incapacidade atávica à população, como algumas perspectivas racialistas europeias tentavam explicar.

As relações com estas experiências históricas poderiam ser mesmo que minimamente reorganizadas a partir da tentativa de intensificação do afastamento em relação a este passado. Em sua pragmática, seria possível romper com parte deste panorama de descaso institucional e sentimento/atitude que valoriza exacerbadamente o individualismo. Do mesmo modo é possível tentar reduzir esta distância em relação a certos passados, se aproximando, mesmo que timidamente, de outras perspectivas passadas potencializadoras do presente.

Com isto, o Retrato do Brasil aponta a viabilidade em encontrar um ritmo adequado para a constituição de outras perspectivas históricas, tentando se adaptar a aceleração frenética que pode tanto dificultar a sedimentação de outros elementos

para potencializar o presente, quanto desgastar tradições a muito tempo estabelecidas, como no caso da cultura afetiva da tristeza. No interior desta ideia, Prado apresenta e tenta liberar em alguns momentos do seu texto experiências outras (não sedimentadas no presente) as quais pulsavam perspectivas diversas, como a daqueles que ele chamou, mais atrás, de “pioneiros”. Assim como eles, Prado entendia que era preciso equilibrar os ímpetos de liberdade modernos, já que, mesmo que “pioneiros” norte americanos e brasileiros republicanos se encontravam inseridos em momentos e espaços diferentes na modernidade, ambos vivenciavam possibilidades no interior da experiência de tempo acelerada.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Isabel Cristina Domingues. **Prado e a semana de Arte Moderna**: ensaios e correspondências. Tese de doutoramento defendida pela UNESP em 2014.
- ANDRADE, Yara Rodrigues de. **(Im)possível nação**: o Brasil de Manoel Bomfim e de Paulo Prado no início do século XX. Dissertação de mestrado defendida pela PUC-SP em 2008.
- 202 AVELAR, A; FARIA, D; PEREIRA, M. **Contribuições à história intelectual do Brasil Republicano. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.**
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena**: a obra de Paulo Prado. Tese de doutorado defendida pela UNICAMP em 1994.
- DUTRA, Eliana de Freitas. O não ser e o ser outro: Paulo Prado e seu Retrato do Brasil. **Revista Estudos Históricos**, v. 14, n. 26, p. 233-252, 2000.
- GAIO, Henrique Pinheiro Costa. **Pessimismo e Ruína**: um retrato essencial do Brasil. Dissertação de mestrado defendida pela PUC-Rio em 2008.
- GIL, Gilson. Gilberto Freyre versus Paulo Prado: a questão da identidade nacional brasileira. **Ci. & Tróp.** v. 22, n. 2, p. 211-220, jul./dez. 1994.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. **História da historiografia**, Ouro Preto, n.º 3, setembro de 2009.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência, Stimmung**: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- KOSSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KOSSELLECK, Reinhart. **Historias de conceptos**: Estudios sobre la semântica y

- pragmática del lenguaje político y social. Madrid: Editorial Trotta, 2012.
- PALTI, Elias José. ¿Las Ideas fuera de **lugar**? Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014.
- POCOCK, J. **Linguagens do ideário político. São Paulo: Edusp, 2003.**
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Oficinas Gráficas Duprat-Mayença (reunidas), 1928.
- RANGEL, Marcelo de Mello. Romantismo, *Sattelzeit*, melancolia e “clima histórico” (Stimmung). **Revista expedições**: Teoria da História & Historiografia, v. 25, n. 2, Jul. Dez., p. 53-62, de 2014.
- WALDMAN, Thaís Chang. Moderno Bandeirante: Paulo Padro entre espaços e tradições. 2009, 237f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.